

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 39

DOMINGO - 7 de Março de 1954

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

“Os altos serviços prestados por estes dois ilustres membros do Governo

(Ministro e Subsecretário da Educação)

à elevação do nível técnico-pedagógico da nossa mocidade, são garantia inequívoca de que a nossa terra terá a sua Escola Técnica”

CONTINUAM os aplausos à ideia da criação da Escola Industrial e Comercial e, juntamente com os aplausos, chegam-nos também manifestações de surpresa de pessoas que, conhecendo a nossa terra de passagem mas a par do seu valor industrial e portuário, julgavam que Vila Real de Santo António possuía há muitos anos escola técnica.

Como amostra dessa surpresa, transcrevemos a passagem de uma carta de um nosso amigo de Huelva, figura de relevo no magistério do país vizinho e que conhece a nossa terra, onde tem estado de passagem. Diz ele: *Pelo vosso jornal vim a saber que Vila Real não tinha escola técnica, novidade que muito me surpreendeu, pois estava convencido que uma terra da importância da sua terra, há muito, um estabelecimento desse género. Aqui, no meu país, povoações sem a grandeza dessa simpática e laboriosa vila dispõem de escolas de ensino técnico, há muitos anos. E é para estranhar que, tendo-se operado nesse país uma apreciável transformação no campo pedagógico, não tenha ela atingido povoações da importância da sua terra, belo centro industrial e grande porto de mar. Repito: para mim foi surpresa o conhecimento de não ter a linda vila da fronteira uma escola técnica.*

Efectivamente, o nosso amigo tem razão ao manifestar a sua surpresa. Não é caso único. Podíamos referir mais dois ou três de pessoas a quem nos dirigimos a solicitar apoio para a nossa pretensão, e que igualmente se mostraram admira-

— afirmou-nos o sr. Dr. Manuel F. Vargas, ilustre presidente do nosso Município

das de não existir ainda uma escola técnica na nossa terra.

Ventilado e aplaudido por muitas entidades e organismos o caso da escola, impunha-se ouvir também a opinião do presidente da nossa Câmara Municipal, sr. Dr. Manuel Fernandes Vargas, que aos problemas do nosso concelho tem dedicado todo o seu interesse, procurando remover obstáculos e levar a cabo alguns dos importantes melhoramentos de que carecemos.

Conquanto soubessemos já a sua opinião acerca da criação da escola técnica, não quisemos deixar, como

prefácio da conversa, de lhe perguntar o que pensava sobre a futura escola.

— Nós, a Câmara, já definimos o nosso pensamento, ao telegrafarmos ao «Século», prestigioso intérprete da opinião pública, o nosso aplauso pelo artigo em que chamava a atenção dos Poderes Públicos para a imperiosa necessidade de se criar em Vila Real de Santo António uma Escola Industrial e Comercial.

— Crê, então, que é uma necessidade imperiosa a criação da escola?

— Pois de certo que sim. E, note,

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Foi criado um Centro de Instrução de Especialidades EM TAVIRA

Por portaria, foi determinado que, nos quartelamentos onde funcionou o Centro de Instrução de Sargentos Milicianos, passe a funcionar o destacamento do Regimento de Infantaria n.º 4, de Tavira, com a missão de Centro de Instrução de Especialidades e o seguinte quadro orgânico permanente: 1 capitão de Infantaria, 1 subalferne de Infantaria ou do Q. S. A. E., 2 sargentos ou furriéis, 5 cabos e 21 soldados.

O ENCERRAMENTO DO CONSULADO DE ESPANHA

EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AFECTA OS INTERESSES DE PORTUGUESES E ESPANHÓIS

O ENCERRAMENTO da Agência Consular de Espanha nesta vila, ordenado pelo Governo de Madrid, foi uma medida que, como não podia deixar de ser, nos surpreendeu e decepcionou profundamente. Pela segunda vez, num espaço de tempo relativamente curto, uma imperfei-

ALGARVE, Terra de Encantos!...

Calu neve, a neve para Desejada por Dinorah... Mas sua nivea brancura, De tristeza, foi-se embora! Pois a neve, ao vir à terra, Não julgou nela encontrar A grandeza que descerra As amendoeiras florindo E olhando o céu e sorrindo Como quem lhes quer falar!...

Antes de partir do céu, Julgou-se a neve rainha A sentar-se em trono seu... Mas oh! a terra já tinha O trono comprometido: — Num olhar adocicado, As amendoeiras em flor Olhando o céu, já nublado, Par'clam falar d'amor, Alindando o seu vestido!...

E presa no seu encanto, A neve, ao vê-las assim, Segredou-lhes: — «Ai de mim, Como desfazer teu manto Tão infinito de beleza? Como posso eu destronar A tua infinda grandeza? Impossível! — You marchar



Em busca de outras paragens Onde não consiga ver Assim tão lindas roupagens! Tu fazes-me entontecer... Sim, princesa, deusa e fada, Ao pé de ti, deusa em flor, Sou rainha destronada, A tua dama de honor!...

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)



Vila Real de Santo António — Pelourinho

Os lastimosos serviços da C. P. NA NOSSA PROVÍNCIA

O nosso prezado colega «A Voz de Sintra» teve a gentileza, que agradecemos, de transcrever, quase na íntegra, o artigo «Os lastimosos serviços da C. P. na nossa província», publicado no nosso número de 7 do mês passado, comentando-o em termos de perfeita solidariedade, pois, ao que parece, os males de que nos queixamos no Algarve, de desmazelo e incúria dos serviços da C. P., são extensivos à linha de Sintra.

“Correio Olhanense”

Para garantia do título, publicou-se mais um número do nosso prezado colega «Correio Olhanense», com boa colaboração, da qual destacamos «As lhas, as praias e a ria de Olhão», em que o ilustre olhanense Dr. Fernandes Lopes foca um assunto de grande interesse para aquela vila, e a entrevista com o sr. presidente da Câmara Municipal (em que são tratadas diversas e importantes questões locais), pelo sr. João Trigueiros.

Fazemos votos para que o «Correio Olhanense», de tão brilhantes tradições, passe o mais brevemente possível à regularidade da publicação.

ECOS DUMA VIAGEM DE MADRID A UTIEL

O HORÁRIO informava que a automotora partia de Madrid às 15 horas. Chegámos pouco antes. Entre os portugueses que se encontravam na gare (nós íamos numa excursão), notava-se uma certa angústia, mesmo pesar. O nosso aparecimento causara um certo alívio, mas... ainda faltava mais gente!

Quando o chefe da estação, num gesto gentil, nos veio perguntar se podia dar o sinal de partida, sentimos um misto de vergonha e de esperança. E não nos enganámos: O chefe resolveu esperar pelos retardatários.

Passaram 10 minutos de dolorosa expectativa. Entrámos a discutir, a praguejar... de olhos fixos nos mostradores dos relógios. Agora eramos nós que exigíamos o cumprimento do horário. Mas... não obstante, a automotora continuou encostada à «gare»!

Os ponteiros marcavam o tempo celeremente. Às 15,30, reclamámos em unísono o apito de partida. O chefe, sempre com a mesma delicadeza, sorriu, encolheu os ombros, impôs-nos calma. E não se como-veu! E não apitou!

FOR
J. SILVA CARVALHO

Os passageiros faziam perguntas sobre as causas do atraso, e logo que a explicação surgia, voltavam aos seus lugares, sem esboçarem o mais pequeno gesto de enfado ou de protesto. Esplêndido povo!

Às 15,30, despontaram os nossos amigos que, como é lógico, foram «calorosamente» valados pela falange portuguesa. Nesse ambiente de pragas, misturando-se com descul-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

General Almeida Topinho

Em visita oficial ao Comando Distrital de Faro e ao Batalhão n.º 27 da L. P., aquartelado naquela cidade, encontra-se no Algarve o sr. General Almeida Topinho, Comandante Geral da Legião Portuguesa.

O ilustre oficial, que tem sido alvo das maiores atenções, deve assistir, hoje, de manhã, a uma formatura que se realizará no Largo de S. Francisco, em Faro.

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

Diário

No silêncio do quarto, sublinhado pelo clarão das tochas altas, o corpo repousava. Era um pequenino corpo de mulher, comido pelos anos e pela doença. Cabisca — como dizia o poeta — num caixãozinho de dois palmos. No rosto fino, um rictus de sofrimento ainda permanece. Mas tudo terminou. Ontem ficou já a muitos milhões de anos de distância...

De quando em quando, a porta esquerda gira nos gonzos enferrujados. Mais um parente. Tudo de preto. Gravata preta, vestido preto, aba do casaco assinalada a preto. Mas não tristeza. Cumprimentam quem está, apresentam amigos e desconhecidos, perguntam pela saúde deste ou daquele. Depois, sentam-se nos bancos espaçosos. Ajeitam-se, como podem. Como o dia seguinte é dia de pica-o-bol, passam pelas brasas. Nas tochas altas, o clarão lívido adormeceu também. Lágrimas, só as de cera, que a luz devora lentamente...

Trazem a menina para se despedir da avó. Largam-na, e ela fia a brincar no soalho negro, com um carrinho de linhas. De vez em quando, deixa cair os bracinhos e olha fixamente as velas. Em que pensará? — digo para comigo. Em nada, certamente. Ou em como é brilhante aquela quase imóvel ponta de lança mansa. Finalmente, acolhe-se ao chale maternal e adormece. Estranho! Naquele rostinho contrariado, algo acontece. Parece-se... mas é verdade, parece-se com ela, é ela mesma...

O facho apenas mudou de mão. Tristeza, de quê? se o facho apenas mudou de mão?

Poesia

«Carreiras de camionetas... Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa e filha, esteve nesta vila o nosso estimado amigo e assinante em Lisboa, sr. Dr. José Isidro Farrajota Rocheta, médico na Capital.

Com curta demora, tivemos o prazer de ver entre nós os srs. Eng. Francisco Ortigão Gomes Sanches e Dr. José Ortigão Gomes Sanches, nossos prezados amigos e assinantes, respectivamente, em Lisboa e em Faro.

Também de visita a sua família, encontra-se nesta vila o sr. António Garcia Pego de Vasconcelos.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, onde permaneceu alguns dias, o nosso querido amigo e distinto colaborador, sr. Capitão António dos Santos Gonçalves, que já regressou a Oeiras.

Acompanhado de sua esposa, esteve na sua propriedade da Bornacha, em Caceia, o nosso querido amigo e prezado assinante em Faro, sr. Engenheiro-Agrônomo Acácio Madeira Pinto.

Já regressou de Lisboa o nosso querido amigo e estimado assinante, sr. Eng. António Manuel Gomes Barroso.

Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa, aonde foi passar a quadra carnavalesca, o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Manuel Rodrigues A'lvares.

De visita a sua família, esteve entre nós o nosso assinante, sr. Manuel António Caldeira, residente em Lisboa.

Em gozo de licença, esteve nesta vila o sr. Alfredo Bandeira Rodrigues.

Acompanhado de sua esposa, passou nesta vila a quadra carnavalesca, tendo já regressado à capital, o sr. Jaime Rosa Dourado, nosso prezado assinante em Lisboa.

Esteve nesta vila, durante alguns dias, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Manuel Bravo, que já retirou para a sua propriedade das Cevadeiras, em Caceia.

Com curta demora e de passagem para Almada de Ouro (Azinhal), em visita a sua família, esteve nesta vila o sr. Tenente Manuel Francisco dos Santos Domingues, da Marinha de Guerra, nosso prezado assinante em Algés, que de há muito é grande admirador das belezas da nossa terra.

Já regressou de Braga, aonde foi assistir às cerimónias da comemoração centenária da Universidade Gregoriana de Roma, onde se formou, o Rev.º sr. Cônego Dr. António Baptista Delgado, pároco de Olhão, nosso estimado amigo e assinante.

Em viagem de negócios, partiu, há dias, de avião, para o Brasil, o sr. Lourenço Mendouça, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Olhão, nosso prezado amigo e assinante naquela vila.

Esteve entre nós, de visita a sua família e bem assim a sua mãe, que se encontra doente, com certa gravidade, o nosso prezado amigo sr. João Rodrigues Lima Centeno.

Esteve nesta vila, passando a época de carnaval, o nosso assinante sr. João Ilídio Setúbal, residente em Beja.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, o nosso prezado amigo sr. Joaquim Moreira Parra, residente em Serpa.

Encontra-se em Portimão a menina Maria Antónia dos Santos, filha do nosso assinante sr. José Pedro dos Santos.

Esteve nesta vila, de visita a sua família, o sr. João Marques Colaço, nosso prezado assinante, em Cuba.

De visita a sua família, esteve entre nós o nosso assinante, sr. Joaquim Moreira Gutierrez, residente no Barreiro.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa redacção, o nosso assinante sr. Nuno Gonçalves Pereira, Cadete do Curso de Oficiais Milicianos.

Falecimento

Faleceu nesta vila, no passado dia 23 de Fevereiro, a sr.ª D. Emília Pereira, de 82 anos de idade.

A finada era mãe da sr.ª D. Arminda Pereira de Brito, esposa do nosso prezado assinante e amigo, sr. João Baptista Brito, D. Maria Pereira, D. Adalina Pereira e dos srs. Manuel Pereira e Artur Pereira.

A família enlutada, apresenta «Notícias do Algarve» sentidos pésames.

GAZETILHA

A PINHATA

Arrazada, combalida, mas bastante convencida de que gozou a valer, a seguir a três noites mal ou bem «aproveitadas» até quase o sol nascer;

Pálida, grandes olheiras, pigarreando carraspeiras e sem ninguém que lhe bata, eis a nossa juventude prontinha, na plenitude para os bailes da Pinhata!

O Grémio e a Democrática numa coesão simpática são este ano contra a «pinha» que, além da quadra em mudança pouco própria para a dança, levar-lhes mais corôas vinha...

Ficam Lusitano e Glória no ponto final da história dos bailes de Carnaval; nem máscaras, nem o salero da bela orquestra «Molero», e não desistem! Que tal?!

BIN OCLO

Um conhecido industrial algarvio

morreu de desastre em Marrocos

Devido a um acidente de automóvel, morreu em Rabat o nosso comprovinciano, sr. José Maria Gago, de 45 anos, industrial, natural de Santa Catarina da Fonte do Bispo (Tavira), casado com a sr.ª D. Maria Amélia de Jesus Gago e irmão das sr.ªs D. Inês e D. Catarina Gago Silvério e cunhado do sr. Inácio José, comerciante em Olhão.

Era uma das figuras mais representativas da numerosa colónia algarvia em Marrocos.

O HOMEM DE HOJE

Não pode sujeitar-se a processos antiquados!

PHILISHAVE

MÁQUINA ELÉCTRICA DE BARBEAR

Mais Rápida—Mais Prática—Mais Higiênica

A PRONTO e com todas as FACILIDADES DE PAGAMENTO

RAMOS & MATEUS

Vila Real de Santo António

Noticiário da Província

PORTIMÃO

Sociedade Vencedora Portimonense
Depois de realizada a Assembleia Geral, no dia 16 de Janeiro último, foram escolhidos os seguintes corpos gerentes para o corrente ano, para a Sociedade Vencedora Portimonense:

Assembleia Geral: Presidente, José Pedro da Silva; Vice-Presidente, João Neutel; 1.º Secretário, Ernesto Vicente Leandro, e 2.º Secretário, José Manuel Rodrigues da Silva.

Direcção: Presidente, José Maria de Matos; Secretário, José dos Reis Oliveira; Tesoureiro, João Agostinho Marques; Vogais, Armando Lúcio Fernandes e Fernando Narciso Serra.

Conselho Fiscal: Manuel Augusto Ponceano, José Duarte e Luís dos Santos Barão.

Suplentes: José Horácio Amador, José Matias d'Alvo, João da Encarnação Marreiros, Armando da Fé Bravo e José Domingos Ramos Guerreiro.

Clube Fraternidade R. Portimonense

Após Assembleia Geral Extraordinária, levada a efeito na sede do Clube Fraternidade Recreativo Portimonense, ficaram assim constituídos os novos corpos gerentes daquela colectividade para o corrente ano;

Assembleia Geral: Presidente, António Cristóvão; 1.º Secretário, Francisco Santos Mateus; 2.º Secretário, Artur Manuel Sério.

Direcção (Efectivos): Presidente, Tenente José dos Santos; Secretário, João José Correia; Tesoureiro, Jorge Luís Cartaxo; Vogais, Joaquim Fernandes Canelas e Mário de Sousa Abreu.

Desportos

Falando de desportos... lembramos-nos do Hóquei em Patins. Há muito tempo que não assistimos a qualquer encontro, na nossa cidade, deste tão entusiasmático jogo. Modificar-se-á este estado de coisas... ou não?

Actividades da Casa da Mocidade

O Centro Especial de Atletismo da Ala da Casa da Mocidade Portuguesa de Portimão, nestes últimos tempos, tem realizado diversas provas de corta-mato para preparação dos seus atletas. No passado dia 14, realizou-se o Campeonato Regional de Corta-Mato, obtendo-se as seguintes classificações:

Iniciados (1500 m.): 1.º, Francisco Pacheco, 5^m 3^s e 4/10; 2.º, José Luís Reis, 5^m e 6^s; 3.º, Joaquim Mendonça; 4.º, Carlos Braga; 5.º, João Francisco Conduto.

Em juniores, o vencedor absoluto foi Telmo do Carmo, com 6^m 1^s e 9/10, em 2000 metros. — E.

José Cândido Monteiro

Fixou a sua residência e escritório na Rua Cândido dos Reis, 81, desta vila, o sr. José Cândido Monteiro, solicitador provisionário desta comarca.

Com a falsa designação de Sardinha

estão a vender-se conservas fabricadas em território português

NOS estabelecimentos da capital, apareceram ultimamente à venda umas latas ovais, fabricadas em Benguela com a designação de conterem «Sardinhas do Atlântico».

O facto reveste-se de certa gravidade para a indústria de conservas portuguesas, porquanto lutando de há muito a nossa indústria contra as falsas designações utilizadas por industriais noruegueses e de outros países onde se rotulam quaisquer peixes com a designação de sardinha, não faz sentido que sejam os próprios portugueses a etiquetar de sardinha espécies icticas que nada têm que ver com a famosa «clupêa».

Trata-se de uma mistificação grosseira e que se pode reflectir no nosso crédito industrial, independentemente de animar os falsificadores estrangeiros a persistirem no seu abuso. Que os estranhos pretendam tirar proveito da confusão que estabeleceram, vá que não vá, mas que os próprios portugueses, com manifesto desrespeito da lei, rotulem quaisquer peixes com a falsa designação de sardinha, é que não pode ser.

E como não pode ser, chamamos para o descaro do abuso a atenção do Instituto Português de Conservas de Peixe e do Governo, a fim de serem tomadas providências energéticas que ponham cobro a uma contrafacção ofensiva do prestígio da nossa indústria de conservas de peixe.

Cremos que o Código Penal tem disposições claras sobre certas manobras escuras. Pois apliquem-se essas disposições a quem se coloca em conflito com a lei.

O ENCERRAMENTO do Consulado de Espanha

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Agofa, com o encerramento ordenado, voltamos outra vez a uma situação que, além de prejudicar a navegação, que carece dos serviços consulares espanhóis, afecta os interesses da numerosa colónia espanhola desta vila.

Parece-nos bastante estranho que, enquanto outros países mantêm em Vila Real de Santo António, por manifesta conveniência nisto, as suas representações consulares, como o fazem a Inglaterra, Itália, França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Noruega e Finlândia, a Espanha, nossa vizinha e amiga, com muito maiores interesses aqui, encerra a sua Agência Consular, não obstante os inconvenientes e prejuízos que resultam dessa decisão.

Alimentamos, no entanto, a esperança de que esta medida não tenha carácter definitivo. Nesse sentido, permitimo-nos apelar para o sr. D. Nicolau Franco, ilustre Embaixador de Espanha em Lisboa, aguardando que, na defesa do que se nos afigura ser o próprio interesse do seu país, o brilhante diplomata providencie no sentido de restabelecer-se, como é de toda a justiça e benefício para ambas as nações, uma representação consular espanhola em Vila Real de Santo António.

GASA

Para escritório com três dependências na Rua Conselheiro Frederico Ramirez, aluga-se. Trata — Aurélio Clemente, Rua Jacinto José de Andrade — nesta Vila.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 27 de Fevereiro a 5 de Março:

Entradas:

ZÉ MANEL, Português, de 926 toneladas, de Lisboa, vazio.

SILVA GOUVEIA, Português, de 893 toneladas, de Lisboa, vazio.

RIBEIRA GRANDE, Português, de 2388 toneladas, do Funchal, com carga em trânsito.

RAVENS POINT, Inglês, de 1822 toneladas, de Algeciras, com carga em trânsito.

Saídas:

COSTEIRO, Português, com minério, para Lisboa.

ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.

ALABE, Panamiano, com minério, para Belfast.

RAVENS POINT, Inglês, com alfarroba, para Londres.

RIBEIRA GRANDE, Português, com alfarroba, para Hamburgo.

SILVA GOUVEIA, Português, com minério e enxofre, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 6 a 12 de Março, a Farmácia Silva, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22 Vila Real de Santo António

Funktal SOLINGEN

a única lâmina que barbeia toda a gentel

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino de Miranda & C.ª L.ª
R. S. Francisco, 41 - Apartado 205 - Porto

ASPIRADORES ENCERADORAS "PHILIPS"

Todas as facilidades de pagamento

RAMOS & MATEUS
VILA REAL DE SANTO ANTONIO

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República - Telefone 12

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
15. R. DOS FANQUEIROS - LISBOA
TELEF. 21143/21789

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

"ARNEDYK"

carrega em LISBOA em 12 de MARÇO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

<DONGEDYK> — 11 de Março

<DRINA> — 23 de Março

<DALERDYK> — 2 de Abril

Confraternização de Motoristas Marítimos

Um numeroso grupo de motoristas marítimos desta vila, juntamente com muitos colegas seus, de Olhão, efectuaram, no passado dia 2, num luxuoso auto-carro da Empresa José Pilar, que vem melhorando os seus serviços de camionagem, para bem servir o público, um passeio a Portimão, onde todos confraternizaram, num almoço, com os seus colegas daquela cidade barlaventina.

Durante o mesmo, falou o sr. António Camarinha, o qual enalteceu a iniciativa de se reunirem anualmente os trabalhadores do mar, em excursões recreativas deste género, tendentes a estreitar os laços de amizade e camaradagem entre os membros da mesma classe. Seguidamente, aproveitou o ensejo para agradecer, em nome de todos, ao Ex.^{mo} Delegado do I. N. T. no Algarve, a protecção dispensada para que finalmente fossem aprovados os estatutos do Sindicato Nacional dos Motoristas Marítimos.

O remanescente líquido da receita obtida por cotização geral para esta excursão, durante um ano, na importância de Esc. 100\$00, foi entregue, como donativo, à Misericórdia desta vila.

ALGARVE TERRA DE ENCANTOS!...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

— Quando parti das alturas,
Pensei que não existias;
Mas a meio, vi figuras...
Eras tu que me sorrias!

Inda quis voltar atrás,
Mas resolvi não fazê-lo;
Pois só tu, deusa, me dá
No teu encanto, o desvelo
Que jamais sonhei na vida!
Só tu, oh! deusa querida,
Tens o poder e a magia
De conseguir aquecer
A minh' alma triste e fria,
— Fria como o meu tecer...

Perante a tua beleza
De encantadora magia,
Resolvi, minha princeza,
Deusa da terra algarvia,
A teus pés ajoelhar...
Olhos no chão, voz calada,
Pedindo a Deus p'ra te dar
Cada vez cor mais rosada!...

Pois eu quero, feiticeira,
Que o manto, que hoje se avista
Pela tua terra inteira,
Eternamente revista
A roupagem que hoje tem;
Quero, sim, meu doce bem,
Voltar em breve outra vez;
Quero mais: — Durante a vida
Ajoelhar-me a teus «pés»;
Ficar a teus pés caída!...

— E depois da sua prece,
A neve ficou calada...
Esperando que viesse
o romper da madrugada!

Pois quis ver, à luz do dia,
No seu preito de homenagem,
A deslumbrante paisagem
Da linda terra algarvia!...

É ao longo, «num manto lindo»,
Como quem nos quer falar
Docemente iam abrindo
Pétalas brancas de noivar!...

Faro, 21 de Fevereiro de 1954

J. Santos Stockler

Lâmpadas 'PHILIPS'
GRANDE VARIEDADE
e todos os produtos desta GRANDE MARCA
RAMOS & MATEUS
Vila Real de Santo António

VENDE-SE
Com chave na mão, uma
morada de casas, de canto,
em bom estado, com 6 di-
visões, sita na Rua Infante
D. Henrique, n.º 19, com por-
ta de quinta para a Rua Vas-
co da Gama, n.º 25.
Dirigir-se a Eugénio Mendes.

A Escola Industrial e Comercial

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

não somos só nós que o cremos. Entidades de certo modo alheias ao nosso concelho exteriorizam o seu interesse pela valorização técnico-pedagógica da mocidade da nossa terra, valorização da qual esperam também tirar proveito. Está neste caso o Instituto Português de Conservas de Peixe e a indústria de conservas de todo o litoral português, das Ilhas e do Ultramar. A nossa terra, pela sua tradição conserveira e pela variedade de peixes que trabalha, está indicada para nela se diplomarem mestres de conservação, que levem a sua ciência e a sua experiência aonde elas possam ser úteis à indústria. É claro que a escola não terá apenas como missão formar mestres conserveiros. A nossa indústria carece de outros técnicos: litógrafos, serralheiros, fundidores, mestres de construção naval, etc.

— Como sabe, o decreto-lei n.º 37.409 previu a criação de escolas técnicas em três terras do Algarve: Loulé, Portimão e Vila Real de Santo António. Porque não se fizeram já diligências para a criação da escola na nossa terra?

— Não lhe posso responder com clareza a essa pergunta. Quando assumi, há uns dois anos, a presidência da Câmara, tive alguns difíceis problemas a resolver e não foi possível encarar este grande problema da escola técnica.

Então, chegou agora o momento? — Precisamente. É a altura de encarar a sério um problema que já não é só nosso. O concelho de Castro Marim deu-nos o seu apoio e espera que franqueemos aos seus rapazes a escola técnica.

Esta, não há dúvida, é uma necessidade premente, não só no aspecto técnico-pedagógico como também no aspecto social. Repare no grande número de rapazes que, saídos das escolas primárias, por aí andam frequentando cafés e outros lugares públicos, sem terem nada que fazer, à espera de atingirem idade que lhes permita colocarem-se em qualquer parte, como aprendizes de qualquer coisa. Se, em vez deste convívio de cafés ou desta educação da rua, lhes fosse proporcionada uma escola onde se ilustrassem e aprendessem uma arte, lucravam eles, lucrava a sociedade e lucrava o país. O aspecto social, no caso de Vila Real de Santo António, deve merecer atenciosa ponderação da parte das entidades superiores do ensino e dos governantes. Descurá-lo é lamentável negligência.

— Efectivamente, é assim. Não se pode descurar o aspecto social, na criação da escola. Sabe, sr. presidente, porque não chegou a funcionar a Escola de Artes e Ofícios criada em 1924?

— Ignoro, porque era então uma criança. Mas creio que pelo seu programa reduzido ela não chegou a interessar.

No entanto, o facto demonstra que já então os governantes se tinham dado conta da importância industrial da nossa terra, importância que se tem ido avolumando de ano para ano com a criação de novas indústrias, com o desenvolvimento da nossa frota de pesca e com a movimentação do nosso porto.

— Acha que a criação da nossa escola afectará as pretensões de outras localidades do Sotavento?

— De modo nenhum. Nada impede, creio eu, que se criem todas as escolas que forem julgadas indispensáveis. No Barlavento, temos três estabelecimentos de ensino técnico e liceal numa área pequena, como seja a delimitada pela zona em que estão localizadas Portimão, Lagos e Silves. Ora, nós os do Sotavento, também nos julgamos com direito a auferir os benefícios do ensino técnico. No caso particular do nosso concelho, a nossa zona pedagógica, chamemos-lhe assim, abrange também os vizinhos concelhos de Castro Marim e Alcoutim. Há ainda uma particularidade que não deve ser esquecida pelas entidades superiores. Como sabe, a nossa terra é muito frequentada por estrangeiros, nomeadamente pelas autoridades espanholas de Alamoente e de Huelva, que nos honram periodicamente com as suas visitas. É costume mostrar-lhes o que temos digno de se ver: o nosso abastecimento de águas, as instalações portuárias, a estação do caminho de ferro, as nossas fábricas, as novas escolas primárias e a Praia de Monte Gordo... E já por mais de uma vez me perguntaram se não tínhamos outros estabelecimentos de ensino, além dos primários. Procuro satisfazer a sua curiosidade, respondendo-lhes que temos um colégio.

— A Câmara está em condições de proporcionar instalação provisória para a escola e poderá colaborar financeiramente na construção do edifício próprio?

— Neste caso, tratando-se de um

problema que não interessa somente o nosso concelho, mas também concelhos vizinhos e o próprio interesse da Nação, a Câmara fará o que lhe for exigido dentro das suas possibilidades.

Creio que poderemos contar com a preciosa ajuda do nosso ilustre Governador Civil, sr. Dr. Mascarenhas Gaivão e do não menos ilustre presidente da Junta de Província do Algarve, sr. Dr. José Correia do Nascimento, ambos algarvios e ambos suficientemente documentados acerca de tudo o que acabo de dizer. E não menos certo estou de que os nossos ilustres representantes na Assembleia Nacional defenderão a nossa legítima pretensão. Creio, estou convencido, de que pugnando pelo engrandecimento da nossa terra pugnamos, naturalmente, pelo engrandecimento da nossa Pátria. E neste esforço comum de engrandecimento há que assinalar a acção que no campo do ensino têm desenvolvido o sr. Dr. Fernando Pires de Lima, ilustre Ministro da Educação Nacional, a quem se deve o último decreto sobre Escolas Técnicas que englobou as três previstas escolas no Algarve, e o sr. Dr. Henrique Veiga de Macedo, ilustre Subsecretário da Educação Nacional, a cujo dinamismo e poder de execução fica o País a dever essa extraordinária obra de alfabetização designada por Campanha Nacional de Educação de Adultos. Os altos serviços prestados por estes dois ilustres membros do Governo à elevação do nível técnico-pedagógico da nossa mocidade são garantia inequívoca de que a nossa terra terá a sua Escola Técnica.

Assim terminou o presidente do nosso Município. Desnecessário será acrescentarmos quaisquer comentários, tão claras e tão objectivas são as suas palavras.

Ecos duma Viagem

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

pas, deixamos a capital espanhola, com mais de meia hora de atraso sobre o horário estabelecido.

Nunca foi tão verdadeiro aquele velho dito: Em Espanha, o combóio chega quando chega...

Debaixo dum calor sufocante, atravessamos os subúrbios madrilenos, onde se vêem casas de 5 e 6 andares, cujas paredes, de tijolo à vista, parece terem sido caídas com uma aguada de pó de carvão. Nas janelas, a roupa estendida dá uma nota típica, que contrasta desagradavelmente com o conjunto vermelho-escuro das edificações. A cintura de Madrid é feia, mesmo triste. A capital espanhola, de fora para dentro, abre-se-nos assim, para se ir descobrindo em agradáveis surpresas.

Deixadas para trás as últimas casas, entramos a bater campo rapado de árvores. Não se via uma sombra. O sol requetivava os terrenos que a vista abrangia, e a aragem era só aquela que a automotora deslocava, na sua correria louca. Surgiram planos de defesa: Dum lado baixaram-se os estores; do outro, abriram-se os vidros, para que o ar renovasse a atmosfera asfixiante. Nas nossas costas, foi-nos ficando o Guadarrama e a planície deserta, a fazer-nos lembrar os campos de Beja, quando ainda não possuíam as suas longas filas de olival novo.

Madrid desconhece as amenidades: De inverno, gela a água nas canalizações; de verão, as pedras queimam e o sol, com a sua dureza, seca a terra e satura a atmosfera de vapores. Era por isso que o ambiente parecia molhar-nos, tornando-nos saudosos das esplanadas da Praça de Cybelle.

Tudo isto nos assaltou o pensamento, durante a viagem. O andamento vertiginoso que levávamos tinha-nos cansado. Depois... os corpos enlanguesceram; os nervos tornaram-se lasos; os lábios secaram-se. A sonolência prendeu-nos preguiçosamente os mais lúcidos raciocínios. Mas, por intuição, recordávamos Madrid, lá longe, como um oásis, onde qualquer local, estrategicamente colocado debaixo duma árvore, é um ponto de sornice; para passar o tempo a contá-los com um refresco e uma garrafa de leve e deliciosa água.

Em Madrid, a água nunca se pede. Aparece sempre sem ser chamada, numa garrafinha de meio litro, bojudá e elegante, com uma tampa de baquelite que, automaticamente, se abre para deixar passar o precioso líquido para os copos.

Encarcerados na automotora, de

Conta - Gotas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

sileira... Casa de repouso dos Motoristas Portugueses... Amigos de Olivença... No «Olimpia», «A Marca do Gorila»... E de repente, a gota de poesia inevitável: «Foram vistas, ontem, as primeiras andorinhas...» E' bem verdade. Não há gorila capaz de acabar com as andorinhas. Isto é, com a Poesia.

Uma gota de tristeza.

Não leiam, por favor

Cemitério. Casinhas bem arranjadas. Que bons inquilinos, aqueles! Não gritam, não fazem barulho, não incomodam... Aceitam... Dá gosto, não é verdade?

Apontamento

Fala, fala, fala... A mulher imóvel, longe. De vez em quando, responde com um monossílabo. «Não é, querida? Concordas, querida? Que dizes, querida?» Numa tentativa desesperadora de ver surgir, enfim, uma ideia nascida naquela cabeça bem-amada.

O preço das consultas

Nesse aspecto, a medicina está muito adiantada. De tal modo que, qualquer dia, morremos sem assistência médica.

VENDE-SE

Uma CASA na Rua Miguel Bombarda, n.º 13, com sete divisões e quintal.

Trata-se com a própria Viúva de João da Costa Raminho.

gargantas secas, ressequidos pelo calor, valeu-nos ao menos esta grata evocação: As esplanadas de Cybelle! A água de Madrid!...

E ainda hoje penso: Mas que bela água!

Ao fim dumas horas de viagem, acabamos por acamarar com os passageiros. Na minha frente, seguia um homem de meia idade, sempre de ouvido à escuta às nossas graças, e uma senhora, ainda plena de mocidade, que nos olhava com uma indiferença glacial, direi mesmo, uma hostilidade declarada! Com ela, só depois de muitas tentativas goradas, entabulámos conversação. Soubemos tratar-se da esposa dum engenheiro que ia buscar um filho a um colégio de Granada. Acabou por ser uma alegre companhia e, a ris, foi-nos explicando a causa da sua frieza: Julgava, a princípio, que éramos futebolistas! E aqui, em Portugal, a gastar-se tanto dinheiro por amor do nosso prestígio desportivo além-fronteiras!

Quanto ao espanhol, revelou-se-nos, também, um ótimo camarada. Falava pelos cotovelos na libertação dos povos... nas vantagens da democracia... em liberdade... em igualdade... em coisas fantásticas, com tal fluência e entusiasmo que julgámos nos estivesse a experimentar... E fomos fazendo as nossas objecções; fomos-lhe dizendo que, no final de contas, andávamos a ver obras de engenharia e não nos interessava a política para nada...

E agora o leitor está a pensar o mesmo que o nosso companheiro pensou. Sabem o que ele fez? Sorriu satisfeito, tirou do bolso a carteira e apresentou-nos o seu cartão da «Falange espanhola». E esta? Afinal, estávamos frente a frente com um franquista de gema e democrático até à medula. Registe-se o facto. Registe-se o facto, apenas, porque... da política espanhola não percebemos mesmo nada.

Ao longo da via, sempre que deparávamos com uma obra digna de ver-se, a automotora parava. Nós descíamos e os passageiros esperavam. Escusado dizer que o atraso inicial de meia hora quadruplicou-se à vontade e, quando chegámos à estação do nosso destino, eram 11 horas duma noite calma de verão. Iriamos jantar um pouco tarde, mas absolutamente sensibilizados pela hospitalidade espanhola.

Por estas e outras, fiquei um amigo incondicional da Espanha.

J. Silva Carvalho

De vez em quando...

Nomes próprios...

im próprios

NOS exames de adultos, que agora estão sempre a correr, topei com o nome Delmote, proponente de uma rapariga que se apresentava às provas. Incitado pela curiosidade, perguntei-lhe se era pai ou mãe, o proponente, de tal modo o nome me parecia insexual.

Com o mais aberto dos seus sorrisos, ou ela não estivesse à beira do exame e eu não fosse o examinador, declarou-me que era o pai.

Caí então em mim e vi a necessidade da minha pergunta. Sim, porque se fosse a mãe, deveria ser... Delglosa.

Também lá encontrei o Universal, que deve ser irmão gêmeo das diferentes Fraternidades Universais que enriquecem e embelezam o nosso glosário, parente por consanguinidade das várias Liberdades que a gente encontra e até de uma Liberdade da Pátria Livre, de que já dei conta.

Quando topo com um nome destes, afigura-se-me uma gentil e sedutora senhora, a querer espalhar por todos a ambrosia dos seus encantos. Elas que me perdoem, se é errado o meu conceito, e deem antes a culpa a quem, idiotamente, lhes após tão ridícula etiqueta, querendo com ela atestar os ideais em que se abrasam, e que bem podiam escolher outro modo de se manifestar.

Eu creio que esta torneira foi de algum modo estancada. Mas ficou ainda a mania dos nomes estrangeirados. É o testemunho de uma vaidade tola, o querer dar ares de que se tuteiam com tudo o que fica para lá das fronteiras. E vá de rebuscar o vocabulário com que os folhetins se esmaltam.

Os nomes femininos em eles são uma praga que avoeja e se adensa, por todos os lados. Os masculinos também formam um rosário infinito.

Enquadram, na minha classe, um Regnier, que tenho de pronunciar à portuguesa, porque se riram quando o pronunciei na língua da sua maternidade, um Walter e dois Nelson.

Nomes de lusitanismo legítimo, repudiam-nos os que aproveitam todos os pretextos para se ostentar, farfalhadamente, porque lhes escasseiam para o mais os seus minguados méritos.

O nome é aquilo que o indivíduo possui de sua mais legítima propriedade.

Vinca a sua personalidade, é inconfundível.

Funcionário do Registo Civil, repontei um dia, quando quiseram pôr a uma criança — Arlequim. É como uma guisalhada, lá ficaria o apodo a acompanhá-la a vida inteira.

E' coisa simples, mas de benemerência.

Aos nossos filhos, aos nossos afilhados, demos-lhes nomes portugueses, nomes que a gente entenda e que se não prestem a trocadilhos. Aconselhe-mos os outros a que façam o mesmo.

E' uma obra em que todos podemos cooperar e que não é das mais desprezíveis.

Trindade e Lima

Visado pela Comissão de Censura

Lusitano Futebol Clube

COMUNICADO

Por officio da Federação Portuguesa de Futebol, n.º 29/6181, de 12 de Janeiro de 1954, enviado à Associação de Futebol de Faro, tomou conhecimento a direcção do Lusitano Futebol Clube de que tinha sido indeferido, pela Direcção Geral da Educação Física, Desportos e Saúde Escolar, o pedido de transferência feito, no principio da época decorrente, pelo jogador de futebol Helder Santana Toledo, do Sporting Clube da Covilhã, para o nosso clube.

Não conhecemos, nem no referido officio se menciona, a razão que motivou tal despacho. Sabemos, sim, que, ao abrigo do que se estabelece no Art. 62 do Decreto 82946 de 8 de Agosto de 1943, seus parágrafos e alíneas (que não nos consta terem sofrido modificação ou alteração), a transferência do mencionado atleta era de *deferir*, porquanto a isso obedecia a legislação em vigor.

Para melhor esclarecimento e justa apreciação do caso vertente, transcrevemos o que oficialmente se estabelece no referido decreto, quanto a transferências dos desportistas, na parte aplicável ao jogador de futebol Helder Toledo.

«Art. 62 — O desportista que uma vez tiver sido inscrito como representante de um clube, para a disputa de competições oficiais, só poderá mudar de clube depois de autorizado a isso pela Direcção Geral.

§ 1.º — As transferências serão autorizadas apenas nos seguintes casos:

a) — Mudança de residência, por motivo justificado, do desportista para outra localidade;»

Por ter sido nomeado para o lugar de ajudante de motorista da central eléctrica da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, com *caracter permanente*, deu-se, como é óbvio e se impunha, a sua mudança de residência, pois de outra maneira não se teria efectivado a sua nomeação.

Portanto, o desempenho do cargo que começou a exercer, logo após a sua nomeação, colocou-o, «*ipso facto*», ao abrigo da alínea a) já aqui mencionada. Esta é a verdadeira doutrina do que se encontra legislado e deveria ter sido aceite e aplicada como absolutamente legal, em face do pedido de transferência feito em data oportuna.

O documento, que a seguir se transcreve, é a prova natural do que se afirma!

CÓPIA

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos efeitos, que em 1 de Outubro do corrente ano, passei uma certidão cujo teor era o seguinte:

CERTIDÃO

Manuel Pereira Fernandes Vargas, Bacharel em Direito, Conservador do Registo Civil e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António: Certifico, para os efeitos convenientes, que a Câmara Municipal deste Concelho, em sua reunião ordinária de 5 de Setembro do corrente ano, deliberou admitir ao seu serviço, como ajudante de motorista da sua Central Eléctrica, com caracter permanente, lugar que exerce, Helder Santana Toledo, casado, de 25 anos de idade, filho de João Gomes Toledo e de Luciana Santana Toledo, natural e residente nesta vila.

Por ser verdade e me ter sido pedido, mandei passar a presente que assino e vai devidamente autenticada com o selo branco do Município.

E eu, António Joaquim de Almeida, Chefe da Secretaria, a subscrevi.

Dada e passada na Secretaria da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, em um de Outubro de mil novecentos e cinquenta e três.

O Presidente da Câmara

a) Manuel Pereira Fernandes Vargas

Prova-se assim, claramente, que o desportista Helder Santana Toledo desempenha de facto, aqui, um cargo camarário, que só é possível com a sua permanente assiduidade. Havia, pois, que considerá-lo, para todos os efeitos legais, como possuindo as condições suficientes para ser autorizado, por quem de direito, a transferir-se para o nosso clube.

Contra o que se supunha justo, deu-se o indeferimento, e este é para nós de surpreender, porquanto, em 1948 e em 1951, foram transferidos, deste clube para o Futebol Clube Barreirense e Lusitano Ginásio Clube, os então nossos atletas, Luís Gasimiro Vasques e Jaime António Madeira. O primeiro por ter sido provido no lugar de ajudante de apontador das viaturas da Câmara Municipal do Barreiro, e o segundo como contínuo dos Serviços de Viação e Trânsito, em Évora.

O critério divergente, que se usou nestes casos, leva-nos a pensar que a dou-

trina estabelecida deixou de ser uniforme, porque, embora ela continue em vigor, verificam-se despachos diferentes em casos idênticos.

Por julgar ser de seu imperativo dever, as pessoas que dirigem o Lusitano Futebol Clube vêm tornar o mais público possível este caso, para que se julgue convenientemente a sua acção.

Assim, necessário se torna prestar outros esclarecimentos, destinados, principalmente, à nossa massa associativa, para que esta, dentro do possível, tenha conhecimento de certas circunstâncias relacionadas com o caso.

Quando, em 30 de Setembro de 1953, o desportista Helder Santana Toledo dirigiu, dentro dos preceitos legais estabelecidos e a quem de direito, o seu pedido de transferência, o mesmo, como não podia deixar de ser, foi acompanhado da certidão Camarária, em papel selado, atrás transcrita.

Competia, então, a esta direcção acompanhar o assunto o melhor que lhe fosse possível, no sentido de conseguir com a maior brevidade o competente despacho, nas instâncias oficiais.

Solicitou, para isso, de pessoas convenientes, o melhor interesse pelo andamento rápido do assunto, dado o empenho e desejo, muito naturais, em contar com os serviços do atleta, o mais rapidamente possível.

Julgada a transferência legal, a nossa acção exercia-se no sentido puramente burocrático, quanto à vantagem para nós de se conseguir o breve despacho oficial.

Surgem, então, as primeiras contrariedades.

Não se encontrar, junto ao requerimento do pedido de transferência, a certidão Camarária, atestando o lugar que desempenhava.

Particularmente, é-nos dado conhecimento do facto e solicitada nova certidão, a qual deveria ser passada em papel timbrado da Câmara Municipal, a fim de substituir a *desaparecida!!!* Enviada esta, é entregue pessoalmente na repartição competente.

Aguardava-se o andamento do processo e surgem, então, trocas quase constantes de perguntas sobre o caso, até que nos é dito, particularmente, por pessoa que ali acompanhava o assunto, que a transferência tinha sido autorizada.

Aguarda-se a comunicação oficial. Esta torna-se demorada, o que nos leva a solicitar a interferência de outra pessoa que mais rapidamente exercesse a sua influência, noutro sector oficial, para onde o processo de transferência nos disseram ter transitado.

Nova surpresa se nos depara, pois não era possível dar ali andamento e despacho do mesmo, por lhe faltar o documento Camarário, que o requerente indicava como prova do cargo que desempenhava.

Mais uma vez, terceira certidão é enviada e entregue pessoalmente!

Tudo fazia prever, desta vez, a breve e favorável resolução do caso.

Mas não! Começam a surgir entraves; duvida-se do carácter oficial do lugar desempenhado pelo requerente e consta-nos até que se fizeram afirmações menos justas ao desportista, invocando-se importâncias monetárias dispendidas por certa parte interessada na sua não transferência para o clube onde se fez atleta de apreciável valor e que, aliás, é o clube da sua terra.

O seu ingresso anterior em outro clube deu-se numa altura em que, no desejo de melhorar as suas condições de vida, tal circunstância lhe pareceu aconselhável. Verificada a ilusão de tal desejo e conseguindo agora a garantia de um futuro certo, como o que lhe oferece o cargo que, aqui, agora ocupa, natural e lógico se tornou o seu desejo de continuar na prática do futebol.

Em detrimento do que nos parece legal, não foi deferido o seu pedido, talvez porque tenham surgido argumentos que se não compadeçam com o que taxativamente está estabelecido. Estes tornaram inoperante aquilo que, em face do que legalmente está em vigor, não deveria ter tido interpretação contrária, pois, assim, esqueceram-se os principios que orientam, sob forma justa, a transferência dos desportistas, por mudança de residência para outra localidade, por motivo justificado.

Resta-nos lamentar que igual critério não seja empregado para todos, dando-se a percepção de que os mais pequenos e menos influentes terão de ser os prejudicados. Se a lei não está bem feita nem é clara, altere-se; mas de maneira a que a sua interpretação e aplicação não permitam quaisquer dúvidas, pois só assim ela poderá ser imposta e aceite com a maior isenção. O livre arbitrio é sempre susceptível de erros, e é tempo de banir estes dum legislação desportiva, que enferma de defeitos por demais já conhecidos.

Assim, não cessaremos de indicar

Resultados da 21.ª jornada:

LUSITANO, 1 - Desp. Beja, 0
Olhanense, 4 - Farense, 2
Portimonense, 1 - Montijo, 0
Juventude, 7 - S. Domingos, 0
Almada, 4 - Montemor, 1
Luso, 0 - C. U. F., 2

Em Vila Real Sto. António

LUSITANO, 1-DESPORTIVO DE BEJA, 0

Árbitro: Sr. Cunha Pinto, da A. F. de Setúbal.

Lusitano: Rodrigues; Pescada, Sani-
na e Jorge; Henrique e Rodolfo; Almeida, Modesto, Antunes, Rola e Júlio.

Desportivo: Bailão; Camilo, Sardi-
nha e Apolinário; Honório e Casieles;
Martins, Marcelino, Camiruaga, Alonso
e Brás.

O único golo da partida foi marcado
aos 5 m. da segunda parte pelo interior
esquerdo Rola que, após recolher um
centro curto de Júlio, rematou forte e
a meia altura, fora do alcance do guar-
dião alentejano.

A qualidade do futebol produzido
foi fraca.

Ambas as equipas actuaram em nível
modesto, denotando carência de con-
hecimentos elementares do jogo.

Os algarvios jogaram sempre mais
tempo no meio campo defendido pelos
adversários mas estes nunca deixaram
de ripostar, com lances de contra-ata-
ques. Foi este o aspecto geral da partida.

O Lusitano, porém, experimentou sis-
tematicamente sérias dificuldades na
perfuracão da defesa do Desportivo
que adoptou um dispositivo de «*farró-
lho*», com Camiruaga actuando atrás
dos seus três defesas, no papel de defes-
a-volante, destinado a acorrer aos si-
tios de perigo.

A arbitragem do sr. Cunha Pinto,
quanto a nós, foi imparcial e criteriosa.
Ouvimos critica-lo por apitar muitas
vezes. Mas, perguntamos, não será
bem preferível segmentar o jogo, rou-
bando-lhe beleza espectacular, a deixá-
lo cair na violência e no desrespeito?

L. C.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
C. U. F.	21	16	2	3	57-20	34
Juventude	21	12	6	3	40-17	30
Portimonense . .	21	11	4	6	39-27	26
União Sport. . . .	21	12	1	8	46-28	25
Olhanense	21	10	3	8	39-27	23
Sporting Farense	21	8	6	7	38-38	22
Montijo	21	10	2	9	39-27	22
Almada A. C. . . .	21	9	2	10	35-41	20
Desp. de Beja . . .	21	7	5	9	25-36	19
LUSITANO	21	7	2	12	30-38	16
Luso	21	3	4	14	24-49	10
S. Domingos. . . .	21	2	1	18	14-77	5

Jogos para hoje:

Montemor - LUSITANO

Farense - Almada

Montijo - Olhanense

S. Domingos - Portimonense

Desp. de Beja - Luso

C. U. F. - Juventude

Guérin, Limitada

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

Rua D. Luís I, 27 LISBOA

Telefone 65548

Lisboa, 15 de Julho de 1952

Ao Gerente da «Pensão Mateus»

Vila Real de Santo António

Ex.º Sr.

O «Grupo Desportivo Guérin, Lda.»
vem, por este meio, testemunhar o s/
reconhecimento pela boa hospitalidade
que lhe foi concedida, durante a sua es-
tadia nessa pensão.

A Secção Desportiva

A. Borges

RELÓGIOS DE BOAS MARCAS

COM GARANTIA

A preços fora de toda a concorrência

RAMOS & MATEUS

Vila Real de Santo António

que a resolução agora dada ao caso de
Helder Santana Toledo não teve inter-
pretação ajustada e continuaremos, por
isso, a dar o melhor do nosso esforço
para que se faça, num futuro próximo,
justiça não só ao desportista, como
também ao Lusitano Futebol Clube.

Vila Real de Santo António, 25 de
Fevereiro de 1954.

A Direcção

Campeonato Nacional da II Divisão

● FUTEBOLE ●

OLHANENSE, 4 — FARENSE, 2

Difícil mas justa vitória sobre um Farense que pareceu descrente demais

Jogo em Olhão, no Estádio Padinha,
com enorme assistência, trazendo a
equipa de Faro um combóio especial e
vários autocarros. A arbitragem esteve
a cargo do sr. Mário Rubeiro Sanches.

No primeiro tempo, a equipa local já
venceu por 3-1, com golos de Del Duca,
Santiago e Gomes. No segundo tempo,
José Fernandes fixou o resultado em
4-2, na transformação duma grande pen-
alidade. Os dois golos dos visitantes
foram obtidos por Balela e Queimado.

A equipa de Olhão, embora não ti-
vesse feito exibição fraca, mostra sem-
pre um individualismo prejudicial, de
condenar severamente.

O Olhanense venceu, num jogo que
se mostrou difícil, até ao último minuto,
e foi sem dúvida uma vitória justa, pe-
rante um adversário que jogou descren-
te, não parecendo o mesmo de outras
jornadas. Não há dúvida de que existe
um complexo de inferioridade entre es-
tas equipas, pois o Farense vem sempre
confiante e esbarra, com a maior das
naturalidades. O Olhanense, mais sen-
hor de si e com mais calma, venceu e
não há absolutamente ninguém que pos-
sa dizer ao contrário, porquanto a ar-
bitragem foi prejudicial ao grupo ven-
cedor. O sr. Mário Sanches fez uma
exibição fraquíssima, em todos os as-
pectos, especialmente no fora de jogo
que assinalou a Santiago, quando este
fez uma jogada e um golo, que foi dos
mais bem marcados e das melhores coi-
sas que vimos, nestes 90 minutos.

No final do encontro, houve uma ale-
gria digna de registo, da parte dos afi-
cionados da equipa local, que estavam
radiantes pela vitória e pela vontade
dos seus jogadores, enquanto os aficio-
nados da equipa visitante estavam aba-
lados pela surpresa que sofreram.

Quanto aos jogadores: Fernandes, o
guardião olhanense, jogou bem. Pou-
mos culpá-lo do 1.º golo, não obstante
o seu bom trabalho durante o encontro.

Graça — Jogou admiravelmente, ba-
tendo bem a bola e antecipando-se con-

venientemente às jogadas. No segundo
tempo, teve muitos lances à toa, dando,
às vezes, sensação de pouca preparação.

J. Manuel — Jogou com valentia, rapi-
dez, rudeza e muito fraco no bater a
bola; errada colocação e pouco sentido
de jogo.

Berdejo — Não nos pareceu no seu mel-
hor. Teve alguns cortes dignos de re-
gisto, mas não se preocupou a baixar a
bola.

Tavares — Foi a chave da defesa. Não
deixou, nem um só minuto, o perigoso
Vinuesa. Antecipou-se sempre, com va-
lentia e bateu a bola sempre bem. Teve
realmente uma tarde em cheio.

Fernandes — Jogou como gente gran-
de e foi para nós o melhor jogador em
campo, realizando a melhor exibição
da época. Ao longo de todo o jogo,
mostrou-se mais activo do que lhe é
peculiar. Jogou sempre a bola rente ao
solo e foi o esteio da vitória.

Simões — Jogou muito abaixo das suas
possibilidades, pecando demasiado pela
demora da bola nos pés.

Santiago — Jogou como de costume.
Com pouca preparação, atrozando-se
também pelos passes consecutivos e por
querer a bola sempre nos pés.

Vinício — Não fez dos melhores jogos,
mas levou sempre a melhor com o de-
fesa Ventura. Teve alguns remates bem
colocados.

Del Duca — Foi o melhor avançado
do Olhanense. Jogou sempre com gar-
ra, brio e entusiasmo. O 1.º golo mar-
cado deu-lhe muita inspiração para to-
do o encontro.

Gomes — Muita vontade e garra, mas
isso só não basta.

Nos visitantes, podemos apenas dizer
que lutaram até ao último minuto, des-
tacando-se, com todo o merecimento,
Celestino, Vinuesa e Balela.

Sobre este encontro, nada mais temos
a apontar. Simplesmente, queremos di-
zer mais algumas palavras sobre a equi-
pa de Faro. Os farenenses não ganha-
ram o encontro, porque não souberam,
pois jogaram com muita rudeza, pre-
judicando assim o seu clube. Ventura
e Lúcio levaram todo o jogo a massa-
crar os avançados olhanenses, e não
era necessário fazermos isso, pois pu-
diam muito bem terem ganho, se se
preocupassem somente com o esférico,
porque têm boa preparação e, com jogo
em velocidade, podiam ter dado conta
da defesa local. Portanto, a vitória do
Olhanense credita mais uma vez a su-
perioridade, que se mantém há já mu-
tos anos.

De registar, também, que o Olhanen-
se foi o campeão da província, neste
Campeonato, pois venceu o Lusitano e
o Farense, as duas vezes, tendo perdido
com o Portimonense e empatado em
casa, ao passo que o Portimonense per-
deu em Vila Real e em Faro.

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente

Hercolano Valente